



**ORQUESTRA REAL
DO CONCERTGEBOUW
AMSTERDAM**

MARISS JANSONS Regência

DENIS MATSUEV Piano

97%
das empresas
globais listadas
na Fortune 500

Obtêm melhores resultados com Oracle

ORACLE®

oracle.com/industries
ou ligue para 0800 891-4433

O Ministério da Cultura
e a Cultura Artística apresentam

**ORQUESTRA REAL
DO CONCERTGEBOUW
AMSTERDAM**

MARISS JANSONS Regência

DENIS MATSUEV Piano



PATROCÍNIO



REALIZAÇÃO

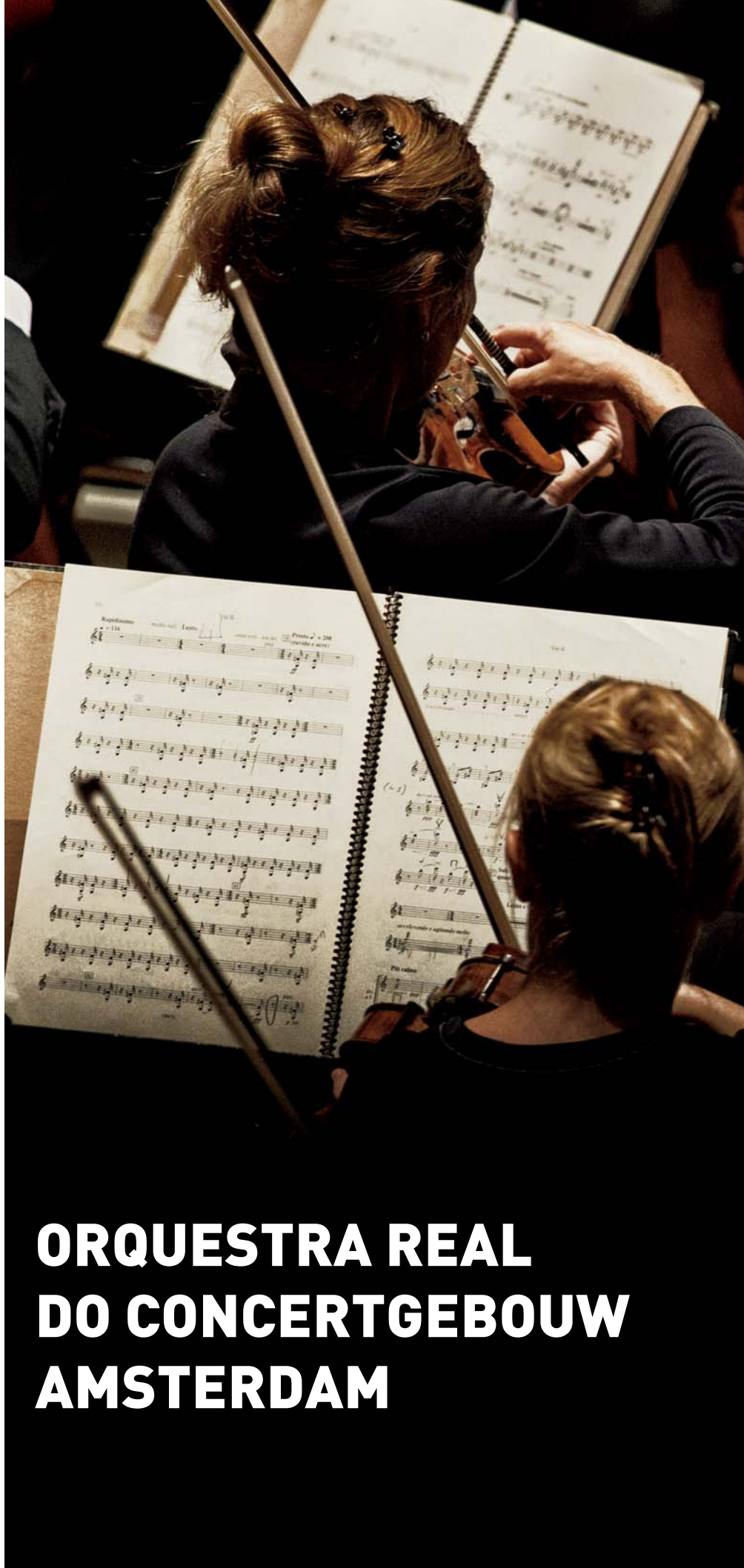




Incorporando ao seu o nome de uma excepcional sala acústica de Amsterdam, a Orquestra Real do Concertgebouw é uma das melhores formações sinfônicas do mundo. Recorrentemente os críticos enaltecem seu som particular, que sobressai em meio às demais – suas cordas são tidas como aveludadas; a sonoridade dos metais, dourada; o timbre das madeiras, único. Se, por um lado, a edificação em estilo neoclássico projetada pelo arquiteto A. L. van Gendt contribui para a excelência do que se ouve, como se explica que outras sinfônicas não atinjam tal desempenho na mesma sala, e que a Orquestra Real continue a brilhar em outros teatros?

Regente da Concertgebouw por quase trinta anos, e portanto um dos responsáveis por sua supremacia sonora, Bernard Haitink atribui seu colorido singular à impressão de que procederia da mesma palheta da pintura de Vermeer – mesma luz, mesma transparência. E quase todos os estudiosos ressaltam a influência de seus maestros, apenas seis em 125 anos de existência: Willem Kes (1888-1895), Willem Mengelberg (1895-1945), Eduard van Beinum (1945-1959), Bernard Haitink (1963-1988), Riccardo Chailly (1988-2004), e Mariss Jansons, que assumiu em 2004.

Procedentes dos mais diferentes cantos do planeta, os 120 músicos que integram esse fenômeno sonoro são um capítulo à parte: além de virtuosos de seus instrumentos, os músicos, embora numerosos, atuam mais como uma orquestra de câmara, no que diz respeito à sensibilidade com



ORQUESTRA REAL DO CONCERTGEBOUW AMSTERDAM

que se percebem uns aos outros e à confiança mútua que demonstram ao trabalhar em conjunto. Apresentam 120 concertos por ano, dos quais cerca de trinta ocorrem no exterior. Em 2013, ano em que comemora seu jubileu secular de prata, a orquestra viajará pelos seis continentes.

Fundada em 1888, poucos meses depois da inauguração do Concertgebouw, a formação adquiriu oficialmente o título "Orquestra Real" ao completar seu primeiro centenário. Se, nos dias de hoje, é corriqueira uma

programação que inclua peças de Mahler e Strauss, quando de seu aparecimento a orquestra foi saudada por esses compositores: enfim, eles poderiam contar com uma apaixonada e competente execução de suas obras, uma vez que até então não havia quem fosse capaz de tocar todas as passagens que suas partituras previam. Richard Strauss dedicou seu poema sinfônico *Ein Heldenleben* (1898) à Concertgebouw e a seu então maestro, Mengelberg, também responsável pela estreia de inúmeras outras obras-primas,

além de instituir o memorável Festival Mahler, em 1920.

Durante o longo mandato de Willem Mengelberg, foram frequentes as ocasiões em que a orquestra foi regida por compositores renomados como Richard Strauss, Gustav Mahler, Claude Debussy, Igor Stravinski, Béla Bartók, Serguei Rachmaninov e Serguei Prokofiev. Na esteira deles, compositores mais recentes como Bruno Maderna, Luciano Berio, Luigi Nono e Pierre Boulez, entre outros, foram igualmente convidados a conduzir os



musicistas. Seguindo a tradição de renovação, a orquestra continua a encomendar obras novas a diferentes e destacados regentes contemporâneos, sem deixar de lado o repertório que a celebrizou, tendo à frente Mahler e Bruckner, entre outros.

Mas não só compositores foram contemplados com a oportunidade de subir ao pódio com essa orquestra notável – Lorin Maazel, Kurt Masur, Zubin Mehta, e, mais recentemente, o alemão Nikolaus Harnoncourt, são alguns dos nomes que colaboraram com a

Concertgebouw. Se, hoje, Mariss Jansons afirma que uma orquestra precisa atuar com diferentes regentes, parece que seus predecessores também pensavam assim.

Como costuma dizer Jan Raes, atual diretor executivo do grupo: “Tanto os musicistas quanto os executivos e técnicos da orquestra trabalham com o objetivo de fazer de cada performance uma oportunidade de ‘ouvir o inaudível, perceber o imperceptível, roçar o intangível’; se a mágica ocorrer, o concerto resultará numa experiência inesquecível”.



SIMON VAN BUDDEL

SAIBA MAIS

Entre LPs, CDs e DVDs, foram cerca de 1100 gravações até hoje, muitas das quais receberam prêmios internacionais. Em 2004, foi lançado o selo da casa, RCO Live; em 2013, a RCO Universe, segmento voltado a novas tecnologias, desenvolveu um aplicativo para iPhone e iPad.

Qual seria o segredo de Mariss Jansons? Como ele consegue elevar o nível de excelência das orquestras que rege? Em entrevista à revista *Gramophone* de dezembro de 2008, o maestro assim descreveu sua relação com os musicistas: “Cabe a mim descobrir as especificidades das diferentes orquestras e preservá-las. Se, por um processo natural, minhas características pessoais acrescentarem alguma coisa aos músicos — e eles a mim —, então será ótimo”. E de fato tem sido no mínimo ótimo, visto que desde 2004 ele é o regente da Orquestra Real do Concertgebouw. Sucessor de Riccardo Chailly, é o sexto maestro da orquestra, fundada em 1888.

Nascido na Letônia, em 1943, Jansons foi iniciado na música praticamente desde o berço. Sua mãe, uma soprano judia que havia perdido familiares assassinados no gueto, viu-se forçada a dar à luz às escondidas, na Riga ocupada pelos nazistas. Mariss Jansons seguiu a fé luterana, como seu pai, o maestro Arvid Jansons – na Letônia soviética, os filhos abraçavam a fé e a cultura paternas.

Ainda menino, mudou-se com a família para São Petersburgo, onde frequentou cursos de regência e violino. Continuou seus estudos com Hans Swarowsky, em Viena, e com Herbert von Karajan, em Salzburgo. Em 1973, Jansons foi admitido como assistente de Evgeny Mravinsky, na Orquestra de São Petersburgo, a mesma que seu pai havia regido. De 1979 a 2000 ele trabalhou com a Orquestra Filarmônica de Oslo, alçando-a a um patamar internacional.

Em 1984, seu pai morreu de um fulminante ataque cardíaco em pleno pódio, enquanto conduzia a sinfônica inglesa The Hallé. Numa coincidência sinistra mas felizmente não fatal, em 1997 Jansons também sofreu um infarto, em Oslo, quando regia as últimas páginas de *La bohème*. Testemunhas relatam que, mesmo caído ao chão, o maestro não largou a batuta...

Jansons regeu as orquestras de Berlim, de Viena, e a Filarmônica de Londres. Em 1997, sucedeu Lorin Maazel na direção da Orquestra Sinfônica de Pittsburgh, cargo no qual permaneceu até 2004, ano em que foi indicado para dirigir a Orquestra Sinfônica da Rádio Bávara. Em 1998, apresentou-se pela primeira vez com a Orquestra Real do Concertgebouw; em 2004, foi entronizado regente desta que é uma das mais importantes orquestras do mundo.

Tido como um dos maiores maestros do planeta, reconhecido por seu perfeccionismo e humildade, o regente letão recebeu inúmeras condecorações ao longo de sua trajetória, entre as quais a de membro honorário da Royal Academy of Music in London e da Gesellschaft der Musikfreunde (Sociedade dos Amigos da Música) em Viena. Também foi agraciado com outras honrarias do mais alto grau, como a insígnia da Ordem das Três Estrelas, o prêmio máximo da Letônia, além da Condecoração Austríaca de Ciência e Arte; em 2013, o Prêmio Internacional Ernst von Siemens, considerado o Nobel da música, coube a ele.

SAIBA MAIS

Após cada concerto, na mesma noite em que ele ocorreu, não importa quão tarde seja, Jansons ouve a gravação que é feita para uso privativo da orquestra, procurando detectar os acertos e eventuais erros que foram cometidos. Os acertos, ele os atribui aos músicos; os erros, toma-os para si.

MARISS JANSONS





DENIS **MATSUEV**

Aos três anos, o pequeno Denis ouviu um jingle no rádio e imediatamente martelou, no modesto piano familiar, com um dedo só, a melodia que escutara. Os pais — ela, professora de piano; ele, pianista e compositor — estimularam o menino a estudar música. E desde então o futuro pianista, que nunca tolerou ser chamado de “prodígio”, mostrou-se capaz de reproduzir qualquer melodia em segundos e memorizar uma sonata em poucos dias.

Hoje um dos pianistas mais requisitados de sua geração, Denis Matsuev nasceu em 1975, em Irkutsk, na Sibéria Oriental. Embora seu talento tenha se manifestado desde cedo, Matsuev relutou em se dedicar à música: a paixão por hóquei no gelo e sobretudo pelo futebol quase levaram a melhor. Quando tinha quinze anos, a fundação Os Novos Nomes, que distribui bolsas de estudo a músicos promissores, promoveu um concurso em sua cidade. O adolescente recusou-se a se inscrever, alegando que no mesmo dia precisaria disputar uma partida de futebol, num campeonato de bairro. A família chegou a um acordo: ele jogaria o primeiro tempo e depois tocaria Rachmaninov. Ficou em primeiro lugar, fato que se repetiria nos inúmeros concursos de que veio a participar.

Em 1993, depois de vencer um concurso internacional na África do Sul, ingressou no legendário Conservatório de Moscou, onde estudou com os renomados pianistas Aleksey Nasedkin e Sergei Dorensky. Em 1995 foi admitido como solista da Filarmônica de Moscou; três anos depois, arrebatou dois prêmios sig-

nificativos: o Grand Prix, em Paris, e o Tchaikóvski, em Moscou, que o projetou internacionalmente. Desde então Matsuev vem se apresentando nas mais prestigiosas salas de concerto, sozinho ou acompanhando orquestras regidas por maestros como Lorin Maazel, Zubin Mehta, Claudio Abbado e Vladimir Spivakov, entre outros.

Desde 2008 dirige a fundação Os Novos Nomes, a mesma que o incentivou durante a juventude. É também diretor artístico de três importantes festivais: Annecy, na França; Estrelas em Baikal, em sua cidade natal, na Sibéria; e Crescendo, evento itinerante de grande repercussão tanto na Rússia como no exterior.

Nos últimos cinco anos, Denis Matsuev vem colaborando com a fundação Serguei Rachmaninov e seu presidente, Alexandre Rachmaninov, neto do grande compositor. Matsuev foi escolhido pela instituição para tocar e gravar, no piano de Rachmaninov, em sua casa em Lucerna, peças inéditas que o compositor teria enviado a Tchaikóvski, cujo secretário as teria perdido.

Suas performances, famosas por sua impressionante presença física em cena (não à toa é conhecido pela alcunha de “Urso Siberiano”), ressaltam sua incomparável facilidade em executar peças extremamente difíceis. Seu assombroso virtuosismo, aliado a uma sensibilidade musical refinada e cristalina identidade artística, levaram alguns críticos a aclamarem-no “o sucessor de grandes feras como Evgeny Kissin, Arcadi Volodos e Vladimir Horowitz” (*The New York Times*).

SAIBA MAIS

Lançado em 2009, o álbum *Denis Matsuev: Concert at Carnegie Hall* traz gravada a performance que o pianista apresentou naquela sala, em novembro de 2007, sobre a qual o *The New York Times* escreveu: “seu instinto poético se manteve firme nos momentos mais delicados, tão emocionante e preciso quanto é possível esperar”.

Cultura Artística

TEMPORADA 2013



PATROCINADORES MASTER



PATROCINADORES PLATINA



PROJETOS EDUCATIVOS

PATROCINADORES OURO



PATROCINADORES PRATA



PATROCINADORES BRONZE



REALIZAÇÃO



CULTURA ARTÍSTICA

Rua Nestor Pestana, 125, Cj. 12 01303-010 São Paulo SP Brasil
Fone 11 3256 0223 Fax 11 3258 3595 www.culturaartistica.com.br

ORQUESTRA REAL DO CONCERTGEBOUW AMSTERDAM

MARISS JANSONS Regência

PRIMEIROS VIOLINOS

Vesko Eschkenazy *Spalla*
 Liviu Prunaru *Spalla*
 Tjeerd Top
 Marijn Mijnders
 Ursula Schoch
 Marleen Asberg
 Keiko Iwata-Takahashi
 Janke Tamminga
 Tomoko Kurita
 Henriëtte Luytjes
 Borika van den Booren
 Marc Daniel van Biemen
 Christian van Eggelen
 Mirte de Kok
 Junko Naito
 Benjamin Peled
 Jelena Ristic
 Nienke van Rijn
 Valentina Svyatlovskaya
 Michael Waterman

SEGUNDOS VIOLINOS

Henk Rubingh *Principal*
 Caroline Strumphler
 Susanne Jaspers
 Josef Malkin
 Anna de Vey Mestdagh
 Paul Peter Spiering
 Herre Halbertsma
 Leonie Bot
 Marc de Groot
 Arndt Auhagen
 Sanne Hunfeld
 Jane Piper
 Eke van Spiegel
 Annebeth Webb
 Joanna Westers

VIOLAS

Ken Hakii *Principal*
 Michael Gieler
 Saeko Oguma
 Frederik Boits
 Roland Krämer
 Guus Jeukendrup
 Jeroen Quint
 Eva Smit
 Eric van der Wel
 Martina Forni
 Yoko Kanamaru
 Vilém Kijonka
 Edith van Moergastel
 Vincent Peters
 Jeroen Woudstra

VIOLONCELOS

Gregor Horsch *Principal*
 Johan van Iersel
 Fred Edelen
 Benedikt Enzler
 Yke Viersen
 Arthur Oomens
 Daniël Esser
 Sophie Adam
 Chris van Balen
 Jérôme Fruchart
 Christian Hacker
 Julia Tom

CONTRABAIXOS

Dominic Seldis *Principal*
 Thomas Brændstrup
 Jan Wolfs
 Mariëtta Feltkamp
 Carol Harte
 Rob Dirksen
 Georgina Poad
 Olivier Thiery

FLAUTAS

Emily Beynon *Principal*
 Kersten McCall *Principal*
 Julie Moulin
 Mariya Semotyuk-Schlauffke

FLAUTIM

Vincent Cortvrint

OBOÉS

Lucas Macias Navarro *Principal*
 Alexei Ogrintchouk *Principal*
 Nicoline Alt
 Jan Kouwenhoven

CORNE INGLÊS

Miriam Pastor Burgos

CLARINETE

Hein Wiedijk

REQUINTA

Arno Piters

CLARONE

Davide Lattuada

FAGOTES

Ronald Karten *Principal*
 Gustavo Núñez *Principal*
 Helma van den Brink
 Jos de Lange

CONTRAFAGOTE

Simon Van Holen

TROMPAS

Laurens Woudenberg *Principal*
 Peter Steinmann
 Sharon St. Onge
 Fons Verspaandonk
 Jaap van der Vliet
 Paultien Weierink-Goossen

TROMPETES

Giuliano Sommerhalder *Principal*
 Hans Alting
 Bert Langenkamp
 Wim Van Hasselt

TROMBONES

Bart Claessens *Principal*
 Jürgen van Rijen *Principal*
 Nico Schippers

TROMBONES BAIXO E TENOR

Martin Schippers

TROMBONE BAIXO

Raymond Munnecom

TUBA

Perry Hoogendijk *Principal*

TÍMPANOS

Marinus Komst *Principal*
 Nick Woud *Principal*

PERCUSSÃO

Mark Braafhart
 Gustavo Gimeno
 Herman Rieken

HARPAS

Petra van der Heide *Principal*
 Gerda Ockers

REGENTE EMÉRITO

Riccardo Chailly

REGENTE LAUREADO

Bernard Haitink

REGENTE CONVIDADADO RESIDENTE

Nikolaus Harnoncourt

DIREÇÃO EXECUTIVA

Jan Raes

ADMINISTRAÇÃO ARTÍSTICA

Joel Ethan Fried

PLANEJAMENTO E PRODUÇÃO

Frauke Bernds

RELAÇÕES PÚBLICAS E IMPRENSA

Anne Christin Erbe

GERENTE DE TURNÊ

Else Broekman

GERENTE ASSISTENTE DE TURNÊ

Manon Wagenmakers

RECURSOS HUMANOS

Harriët van Uden
 Peter Tollenaar

BIBLIOTECÁRIO

Douwe Zuidema

GERENCIAMENTO E ASSISTÊNCIA DE PALCO

Jan Ummels

TÉCNICOS DE PALCO

Johan van Maaren
 Ton van der Meer

Coordenação geral da turnê: HarrisonParrott – Artist and Project Management.

PATROCINADORES TURNÊ MUNDIAL 2013 – ORQUESTRA REAL DO CONCERTGEBOUW AMSTERDAM

PATROCINADOR GLOBAL



PATROCINADOR GLOBAL



PATROCINADOR GLOBAL



PATROCINADOR LOCAL



REALIZAÇÃO



Teatro Cultura Artística

Agradecemos a todos que têm contribuído, de diversas maneiras, para o esforço de construção do novo Teatro Cultura Artística.

PATROCINADORES



Bradesco



CREDIT SUISSE



SEMP TOSHIBA

PRINCIPAIS DOADORES

(R\$ 5.000,00 ou mais)

Adolpho Leirner
Affonso Celso Pastore
Agência Estado
Aggrego Consultores
Aíron Bobrow
Alexandre e Sílvia Fix
Alfredo Rizkallah
Álvaro Luís Fleury Matheiros
Ana Maria Levy Villela Igel
Antonio Carlos Barbosa de Oliveira
Antonio Carlos de Araújo Cintra
Antonio Corrêa Meyer
Arnaldo Matheiros
Arsenio Negro Jr.
Aurora Bebidas e Alimentos Finos
Banco Pine
Banco Safra
Bicbanco
Bruno Alois Nowak
Calçados Casa Eurico
Camargo Correa
Camilla Telles Ferreira Santos
Carlos Nehring Netto
CCE
Center Norte
Cláudio e Rose Sonder
Cleômenes Mário Dias Baptista (*i.m.*)
Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração
Dario Chebel Labaki Neto
Dora Rosset
Editora Pinsky Ltda.
Elias Victor Nigri
Elisa Wolynech
EMS
Erwin e Marie Kaufmann
Eurofarma
Fabio de Campos Lilla
Fanny Ribenboin Fix
Fernando Eckhardt Luzio
Fernão Carlos Botelho Bracher
Festival de Salzburgo
Flávio e Sílvia Pinho de Almeida
Francisca Nelida Ostrowicz
Francisco H. de Abreu Maffei

Fundação Filantrópica Arymax
Gerard Loeb
Gioconda Bordon
Giovanni Guido Cerri
Heinz J. Gruber
Helga Verena Maffei
Henri Philippe Reichstul
Henri Slezynger
Henrique Meirelles
Idort/SP
Israel Vainboim
Jacques Caradec
Jairo Cupertino
Jayme Bobrow
Jayme Sverner
Joaquim de Alcântara Machado de Oliveira
Jorge Diamant
José Carlos e Lucila Evangelista
José E. Queiroz Guimarães
José Ephim Mindlin
José M. Martinez Zaragoza
José Roberto Mendonça de Barros
José Roberto Opice
Jovelino Carvalho Mineiro Filho
Katalin Borger
Lea Regina Caffaro Terra
Leo Madeiras
Livio De Vivo
Luís Stuhlberger
Luiz Diederichsen Villares
Luiz Gonzaga Marinho Brandão
Luiz Rodrigues Corvo
Machado, Meyer, Sendacz e Opice Advogados
Mahle Metal Leve
Maria Adelaide Amaral
Maria Bonomi
Maria Helena de Albuquerque Lins
Marina Lafer
Mário Arthur Adler
Martha Diederichsen Stickle
Michael e Atina Perlman
Minidi Pedroso
Moshe Sendacz
Natura

Neli Aparecida de Faria
Nelson Reis
Nelson Vieira Barreira
Oi Futuro
Oswaldo Henrique Silveira
Otto Baumgart Indústria e Comércio
Paulo Bruna
Pedro Herz
Pedro Pullen Parente
Pinheiro Neto Advogados
Polierg Tubos e Conexões
Polimold Industrial S.A.
Porto Seguro
Raphael Pereira Crizantha
Ricard Takeshi Akagawa
Ricardo Feltre
Ricardo Ramenzoni
Richard Barczinski
Roberto Baumgart
Roberto e Luizila Calvo
Ruth Lahoz Mendonça de Barros
Ruy e Celia Korbivcher
Salim Tauffic Schahin
Samy Katz
Sandor e Mariane Szego
Santander
São José Construções e Comércio (Constr. São José)
Sílvia Dias Alcântara Machado
Stela e Jayme Blay
Suzano
Tamas Makray
Theodoro Jorge Flank
Thomas Kunze
Thyrso Martins
Unigel
Ursula Baumgart
Vale
Vavy Pacheco Borges
Vitor Maiorino Netto
Vivian Abdalla Hannud
Volkswagen do Brasil Ind. de Veículos Automotores Ltda.
Wolfgang Knapp
Yara Baumgart
3 Doadores Anônimos

Gostaríamos de agradecer também as doações de mais de 200 empresas e indivíduos que contribuíram com até R\$ 5.000,00. Lamentamos não poder, por limitação de espaço, citá-los nominalmente.

REALIZAÇÃO

Cultura Artística

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

AMIGOS DA CULTURA ARTÍSTICA

Agradecemos a todos que contribuem para tornar realidade os espetáculos e projetos educativos promovidos pela Cultura Artística.

MANTENEDORES

Adélia e Cleômenes Dias Baptista (*i.m.*)
Adolpho Leirner
Affonso Celso Pastore
Airton Bobrow
Alexandre e Sílvia Fix
Alfredo Rizkallah
Aluizio Rebello de Araújo
Álvaro Luís Fleury Malheiros
Ana Maria Igel e Mario Higino Leonel
Antonio Ailton Caseiro
Antonio Carlos Barbosa de Oliveira
Antonio Carlos de Araújo Cintra
Antonio Corrêa Meyer
Antonio Hermann D. M. Azevedo
Antonio Teófilo de Andrade Orth
Arsenio Negro Jr.
Beatriz Baumgart Tadini
Bruno Alois Nowak
Carlos Eduardo Mori Peyser
Carlos Nehring Netto
Carmo e Jovelino Mineiro
Cassio Casseb Lima
Cláudio Thomaz Lobo Sonder
Cleide e Luiz Rodrigues Corvo
Cristian Baumgart Stroczyński
Cristina Baumgart
Dario Chebel Labaki Neto
Dora Rosset
Erwin e Marie Kaufmann
Fabio de Campos Lilla
Fernando Eckhardt Luzio
Francisco H. de Abreu Maffei
Gioconda Bordon
Giovanni Guido Cerri
Henri Philippe Reichstul
Henri Stezynger
Henrique e Michelle Tichauer
Henrique Meirelles
Iosif Sancovsky
Israel Vainboim
Jacques Caradec
Jairo Cupertino
Jayme Bobrow
Jean Claude Ramirez
Jorge Takla
José Carlos Evangelista
José E. Queiroz Guimarães
José M. Martinez Zaragoza
José Roberto Mendonça de Barros
José Roberto Opice
José Thales S. Rebouças
Katil Cury Filho
Karin Baumgart Srougi
Lea Regina Caffaro Terra
Lina Saigh Maluf
Lucia Hauptman
Luís Stuhlberger
Marcia Igel Joppert
Marcos Baumgart Stroczyński

Maria Adelaide Amaral
Maria Bonomi
Maria Zilda Oliveira de Araújo
Mário Arthur Adler
Michael e Alina Perlman
Minidi Pedroso
Moshe Sendacz
Neli Aparecida de Faria
Nelson Nery Jr.
Nelson Pereira dos Reis
Oswaldo Henrique Silveira
Otto Baumgart
Paula e Hitoshi Castro
Paulo Bruna
Pedro Barros Barreto Fernandes
Pedro Herz
Pedro Stern
Raul Sergio Hacker
Regina e Gerald Reiss
Ricard Takeshi Akagawa
Ricardo Feltre
Roberto Baumgart
Roberto e Luizita Calvo
Rosa Maria de Andrade Nery
Ruth Lahoz Mendonça de Barros
Ruy e Celia Korbivcher
Ruy Souza e Silva
Samy Katz
Sandor e Mariane Szego
Sandra Arruda Grostein
Sílvia e Fernando Carramaschi
Stela e Jayme Blay
Tamas Makray
Thomas Kunze
Ursula Baumgart
Vivian Abdalla Hannud
Wolfgang Knapp
6 Mantenedores Anônimos

AMIGOS

Abram e Clarice Topczewski
Alberto Emmanuel C. Whitaker
Alexandre Grain de Carvalho
Álvaro Oscar Campana
Ana Elisa e Eugenio Staub Filho
Ana Maria Malik
André Guyvarch
Andrea Sandro Calabi
Antonio Carlos Malaghini
Antonio Kanji Hoshikawa
Arnaldo Malheiros
Arnoldo Wald
Augusto Livio Malzoni
Calçados Casa Eurico
Carlo Zuffellato
Carlos Chagas Rodrigues
Carlos P. Rauscher
Cassio Augusto Macedo da Silva
Claudia Annunziata G. Musto

Claudia Helena Plass
Claudia Proushan
Claudio Alberto Cury
Claudio Antonio Mesquita Pereira
Claudio e Selma Cernea
Consuelo de Castro Pena
Dario e Regina Guarita
Edith Ranzini
Edson Eidi Kumagai
Elias e Elizabeth Rocha Barros
Elisa Wolyneç
Eric Alexander Klug
Fábio Konder Comparato
Fany e Alberto Levy
Fernando K. Lottenberg
Francisco J. de Oliveira Jr.
Francisco Montano Filho
Galícia Empreend. e Participações Ltda.
Giancarlo Gasperini
Gustavo Henrique Machado de Carvalho
Heinz J. Gruber
Helio Elkis
Heloisa e José Eduardo Martins
Henrique B. Larroudé
Horácio Mario Kleinman
Irene Kantor
Isaac Popoutchi
Issei e Marcia Abe
Izabel Sobral
Jayme e Tatiana Serebrenic
Jayme Vargas da Silva
Jeanete e Bruno Musatti
João Baptista Raimo Jr.
Jorge José Proushan
José Adolfo Pascowitch
José Carlos Dias
José e Priscila Goldenberg
José Francisco Kerr Saraiva
José Paulo de Castro Emsenhuber
José Theophilo Ramos Jr.
Júlia Menezes Profeta
Junia Borges Botelho
Karen Lisboa e Claudio Struck
Katalin Borger
Kristina Arnhold
Leo Kupfer
Lilia Katri Moritz Schwarcz
Lilia Salomão
Livio De Vivo
Lourenço Augusto de Meireles Reis
Luci Banks Leite
Lúcia e Nemer Rahal
Luiz Augusto de Queiroz Ablas
Luiz Diederichsen Villares
Luiz Henrique Martins Castro
Luiz Roberto de Andrade Novaes
Luiz Schwarcz
Malú Pereira de Almeida
Marcello D. Bronstein
Marcelo de O. M. Diniz Junqueira
Marco Tullio Bottino

Marcos de Mattos Pimenta
Maria Helena Peres Oliveira
Maria Joaquina Marques Dias
Maria Stella Moraes R. do Valle
Maria Teresa Igel
Marilene Melo
Mario Roberto Rizkallah
Marta D. Grostein
Michael Haradom
Miguel Paulo Salomão Jardim
Natan e Irene Berger
Nélio Garcia de Barros
Nelson Vieira Barreira
Olavo Setúbal Jr.
Oscar Lafer
Paula Proushan
Paulo Cezar Aragão
Paulo Proushan
Paulo Roberto Pereira da Costa
Pedro Spyridion Yannoutis
Percival Lafer
Polia Lerner Hamburger
Raul Correa da Silva
Regina Weinberg
Renata e Sergio Simon
Renato Polizzi
Ricardo Bohn Gonçalves
Rubens Halaban
Sergio Gonçalves de Almeida
Sílvia Dias Alcântara Machado
Suzana Pasternak
Thomas Frank Tichauer
Thomas Michael Lanz
Thyrso Martins
Ulysses de Paula Eduardo Jr.
Vavy Pacheco Borges
Walter Ceneviva
Wilma Kövesi (*i.m.*)
14 Amigos Anônimos

JOVENS AMIGOS

Antonio Cardoso
Carmen Guarini
Celia Prado
Daniela e Frederico Carramaschi
Eduardo Rivetti
Eliana R. Marques Zlochevsky
Eugenio Suffredini Neto
Israel Sancovsky
Lucila Pires Evangelista
Maria Francisca Sachs
Mauro André Mendes Finatti
Mity Hori Kato
Ricardo A. E. Mendonça
Ricardo Di Rienzo
Rodrigo O. Broglia Mendes
Rogério Woisky
Sergio Luiz Macera
6 Jovens Amigos Anônimos

**ORQUESTRA REAL
DO CONGERGEBOUW
AMSTERDAM**

MARISS JENSONS Regência

DENIS MATSUEV Piano

SÉRIE BRANCA

Sala São Paulo, 24 de junho, segunda-feira, 21h

JOHAN WAGENAAR (1862-1941)

A Megera Domada (Abertura), opus 25 (1909) c. 7'

SERGUEI RACHMANINOV (1873-1943)

**Rapsódia sobre um Tema de Paganini,
opus 43 (1934)** c. 25'

Piano: **Denis Matsuev**

Intervalo

PIOTR ILITCH TCHAIKÓVSKI (1840-1893)

Sinfonia nº 5 em Mi menor, opus 64 (1888) c. 50'

Andante – Allegro con anima

Andante cantabile, con alcuna licenza – Moderato con anima

Valse: Allegro moderato

Finale: Andante maestoso – Allegro vivace

SÉRIE AZUL

Sala São Paulo, 25 de junho, terça-feira, 21h

SERGUEI RACHMANINOV (1873-1943)

Rapsódia sobre um Tema de Paganini, opus 43 (1934)

c. 25'

Piano: **Denis Matsuev**

Intervalo

GUSTAV MAHLER (1860-1911)

Sinfonia nº 1 em Ré maior (1884-1888, rev. 1906) c. 50'

Langsam, schleppend (wie ein Naturlaut) – Im Anfang sehr
gemächlich

Kräftig bewegt, doch nicht zu schnell – Trio: Recht
gemächlich

Feierlich und gemessen, ohne zu schleppen
Stürmisch bewegt

Próximos concertos — Sala São Paulo, 21h

PIOTR ANDERSZEWSKI Piano

Série Branca, 29 de julho, segunda-feira
Série Azul, 31 de julho, quarta-feira

J. S. BACH Suíte Francesa nº 5

SCHUMANN Fantasia em Dó maior

JANÁČEK Em um Caminho Abandonado (Livro II)

J. S. BACH Suíte Inglesa nº 3

Ingressos à venda.

JOSHUA BELL Violino

ALESSIO BAX Piano

Série Branca, 31 de agosto, sábado
Série Azul, 1º de setembro, domingo

PROGRAMA A DEFINIR

Ingressos à venda a partir de 1º de agosto.

Os concertos serão precedidos de palestra de Irineu Franco Perpetuo, às 20h, no auditório do primeiro andar da Sala São Paulo.

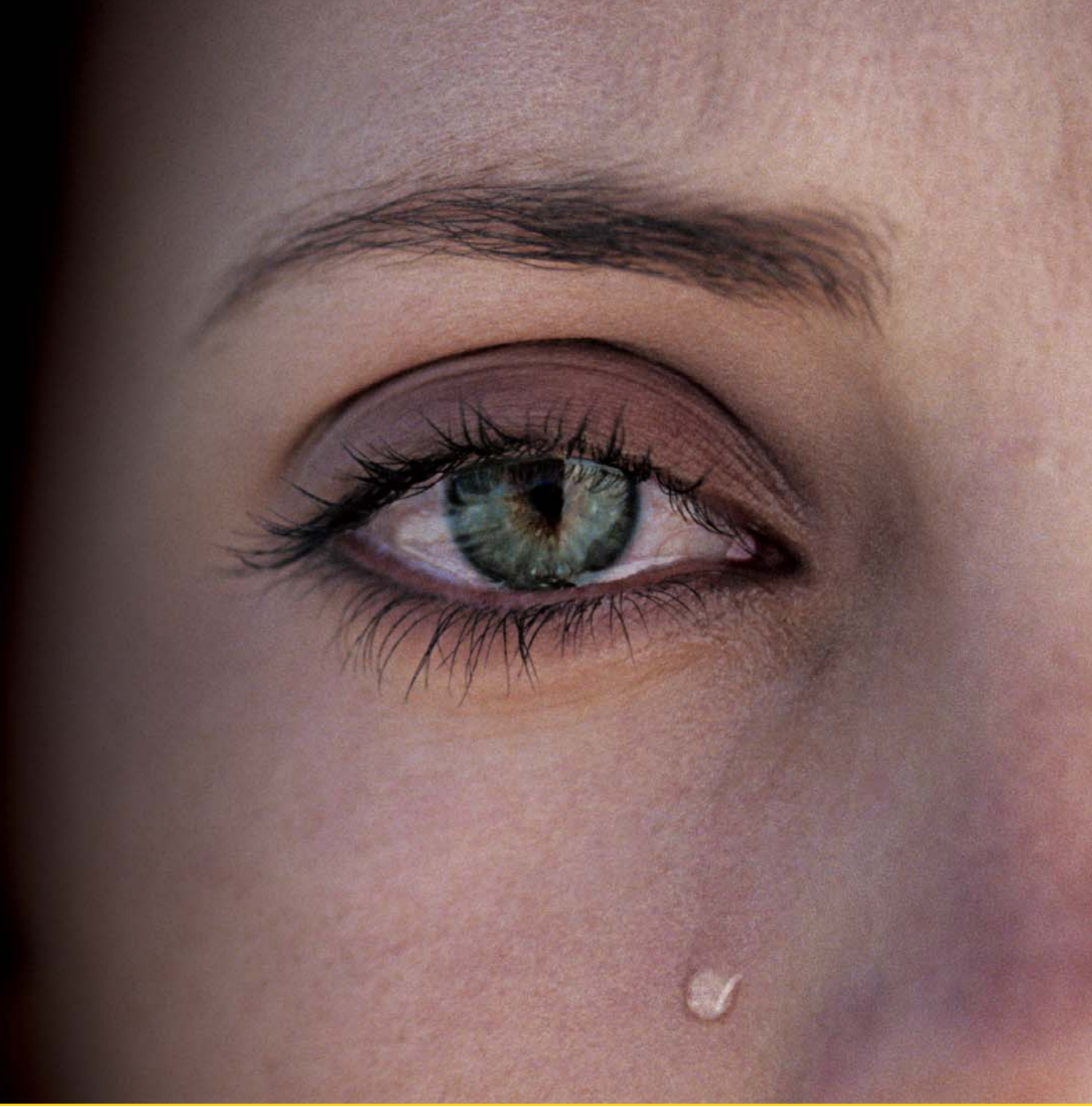
O conteúdo editorial dos programas da Temporada 2013 encontra-se disponível em nosso site uma semana antes dos respectivos concertos.

Programação sujeita a alterações.

4003 1212 | **ingresso rápido**
ingressorapido.com.br
Sujeito a taxa de conveniência

Siga a Cultura Artística no Facebook

 facebook.com/culturartistica



**Esta umidade a Vedacit
aplaude de pé.**

VEDACIT[®]
IMPERMEABILIZANTES



O CONCERTO DESTA NOITE

Irineu Franco Perpetuo

irineup@hotmail.com



JOHAN WAGENAAR (1862-1941)

A Megera Domada (Abertura), opus 25

Não é comum ouvir obras de compositores holandeses em salas de concerto — pelo menos, não a de autores posteriores ao apogeu da escola polifônica franco-flamenga, no século XVI. Em sua visita ao Brasil, a Orquestra Real do Concertgebouw Amsterdam traz na bagagem a música do compositor, organista e regente de Utrecht Johan Wagenaar.

Filho ilegítimo de um aristocrata e sua criada, Wagenaar recebeu o sobrenome da mãe, superando pela música as desvantagens de uma infância de pobreza e discriminação social: acabou condecorado seis vezes pela rainha da Holanda, e duas pelo monarca da Bélgica.

Com uma formação que incluiu estudos em Berlim com Heinrich von Herzogenberg, amigo de Brahms, Wagenaar chegou a diretor do Conservatório de Haia, notabilizando-se por uma produção marcada pelo humor, empregando sátira, caricatura e paródia em cantatas como *De Schipbreuk*, *De Fortuinlijke Kist* e *Jupiter Amans*, bem como nas óperas *De Doge van Venetië* e *De Cid*. Sua produção “séria” é dominada por obras corais e orquestrais. Nessas últimas predominam peças programáticas ou teatrais, como *Saul en David* (1906), poema sinfônico, e as aberturas *Cyrano de Bergerac* (1905) e *De Getemde Feeks*, op. 25 (1906), que ouviremos hoje.

De Getemde Feeks é o nome holandês de *A Megera Domada* (*The Taming of the Shrew*), comédia que o dramaturgo inglês William Shakespeare teria escrito entre 1590 e 1592. Ao descrever as tentativas de Petruchio, nobre de Verona, para conquistar e “domar”

MAKSOU  **PLAZA**

Um Marco de Hospitalidade e Elegância



Maksoud Plaza **Hospitalidade, Elegância e Serviço Impecável!**

APARTAMENTOS E SUÍTES | CENTRO GASTRONÔMICO 24 HORAS | 5.000 m² DE ESPAÇOS PARA EVENTOS



Alameda Campinas, 150 - São Paulo - Brasil | Tel.: 11 3145-8000 | Toll Free: 0800.13.44.11
www.maksoud.com.br



Katherina (a “megera” do título), Wagenaar emprega uma paleta orquestral luxurriante, bem típica do Romantismo tardio: a influência mais perceptível, aqui, parece ser o compositor germânico Richard Strauss (1864-1949).

SERGUEI RACHMANINOV (1873-1943)

Rapsódia sobre um Tema de Paganini, opus 43

O genovês Nicolò Paganini (1782-1840) foi um furacão musical, que revolucionou não apenas a estética como o estilo de vida dos músicos do Romantismo. Cercado de lendas que incluíam um pacto com o demônio, seu magnetismo pessoal e técnica transcendental alteraram profundamente a técnica do violino; empunhando o instrumento, talvez tenha sido o primeiro virtuose internacional no sentido moderno do termo, galvanizando a imaginação de jovens ambiciosos como o pianista Franz Liszt (1811-1886), que buscaram seguir seu exemplo.

A suma poética paganiniana são os 24 *Caprichos para Violino Solo* (1819), cuja influência transcendeu largamente o campo do instrumento. Os *Caprichos* em geral – e, em especial, o último da série, na tonalidade de lá menor — estimularam a criatividade de diversos compositores, que escreveram obras inspiradas por ele e, em sua maioria, curiosamente, para piano, como as *Variações sobre um Tema de Paganini*, de Brahms; os *Estudos sobre Caprichos de Paganini*, de Schumann; os *Seis Grandes Estudos de Paganini*, de Liszt, e a *Rapsódia sobre um Tema de Paganini*, que ouviremos hoje, do russo Serguei Rachmaninov.

Descendente de família aristocrática, Rachmaninov emigrou da Rússia logo depois da Revolução Bolchevique de 1917, aca-

bando por obter fama e fortuna no Ocidente. Se cronologicamente a maior parte de sua produção pertence ao século XX, em termos estéticos ela parece consistir num prolongamento do século XIX: um Romantismo tardio que, bebendo nas fontes da intensidade emocional de Tchaikóvski e do colorido orquestral de Rimski-Kórsakov, logo se transforma em um estilo pessoal inconfundível, marcado por lirismo, expressividade e apelo sentimental. Com certo sarcasmo, Stravinski definiria o colega e compatriota como “um metro e noventa de melancolia russa”.

Versátil, Rachmaninov dedicou-se com igual sucesso à composição, à regência e ao piano. No começo da década de 1930, em uma visita à Suíça, resolveu erigir uma vila às margens do Lago Lucerna (também conhecido como Lago dos Quatro Cantões), que ele batizou de Villa Senar – unindo seu prenome, Serguei, e o de sua esposa, Natalia. Foi nessa austera residência, em estilo Bauhaus, à vista do lago, falando a língua materna e empregando criados russos, que Rachmaninov compôs sua última grande obra para piano e orquestra: a *Rapsódia sobre um Tema de Paganini* (1934).

Aclamado até hoje como um dos maiores artistas do teclado de todos os tempos, Rachmaninov escreveu, ao todo, quatro concertos para piano e orquestra, espalhados ao longo de sua carreira: em 1890-91, em 1900-01, em 1909 e 1926, tendo atuado como solista em cada um deles. Seu quarto e último concerto esteve longe de fazer sucesso, e até mesmo hoje ainda encontra resistência para entrar no repertório; assim, na *Rapsódia*, embora a relação entre piano e orquestra e o virtuosismo da escrita solista obviamente lembrem uma obra concertante, a inspiração maior parece vir

Eu li
que ler faz
os neurônios
se multiplicarem.

Li que
o homem
já é capaz
de viver sem
coração.

Li que
alguns políticos
não viviam sem
mesada.

Li sobre
empresários que
preferem ficar
mudos.

E li
sobre um
elefante
que fala.

Li que
frutos do mar
são a especialidade
da Escandinávia.

Li que
festa é a
especialidade de

Cuba.

Li que
nem tudo
é festa na
União Europeia.

Li que
a Receita terá
arrecadação
recorde.

Li que
o homem
mais rápido do
mundo atinge
44 km/h.

Por que você
acreditaria em
tudo isso?
[Porque eu li.](#)

**QUER
SABER MAIS?
ASSINE
ESTADÃO**

0800 014 9000
estadao.com.br/assine

das *Variações sobre um Tema de Corelli*, sua derradeira partitura para piano solo, data de 1931, cujas vinte variações sobre a melodia renascentista *La Folia* soam como um estudo preparatório para o tratamento que o compositor daria ao *Capricho nº 24*, de Paganini, em sua *Rapsódia*.

Vazada no idioma inconfundivelmente lírico de Rachmaninov, a obra consiste em 24 variações sobre o tema do compositor italiano. Na sétima, entra em cena uma das obsessões musicais do compositor, o *Dies irae*, canto gregoriano evocador do Juízo Final que é citado em várias de suas outras peças, como *A Ilha dos Mortos*, *Sinfonia nº 2* e *Danças Sinfônicas*, e que, nesse contexto, alguns autores veem como uma alusão ao pacto de Paganini com o demônio. O trecho mais célebre da obra é a Variação nº 18, de um melodismo desbragadamente nostálgico e romântico. A *Rapsódia* estreou em Baltimore, em novembro de 1934, com a Orquestra de Filadélfia, sob a batuta de Leopold Stokowski, e o próprio compositor ao teclado. Cinco anos mais tarde, o célebre coreógrafo Michel Fokine, com a autorização de Rachmaninov, transformou-a em *Paganini*, balé sobre vida do compositor italiano, levado com êxito ao palco do Covent Garden, em Londres, em 1939.

PIOTR ILITCH TCHAIKÓVSKI (1840-1893)
Sinfonia nº 5 em Mi menor, opus. 64

Um dos compositores mais queridos do público de hoje, o russo Tchaikóvski tinha um processo criativo atormentado e marcado por dúvidas, e uma de suas mais populares obras sinfônicas, a Quinta Sinfonia, não constituiu exceção à regra. Em junho de 1888, durante a parte mais intensa da gestação da nova partitura, ele

escreveu ao amigo Vladimir Naprávnik (1869-1948): “Estou trabalhando assiduamente em uma sinfonia que, se eu não estiver errado, não será pior do que suas predecessoras. Mas talvez essa seja apenas minha opinião de agora... Mais tarde, posso sentir que estou fora de moda, que minha cabeça está vazia, que meu tempo passou etc”.

Na mesma época, na correspondência com sua mecenas, Nadejda von Meck (1831-1894), Tchaikóvski exprimiu o desejo de que a nova partitura fosse uma comprovação pública e privada de que continuava em plena posse de suas faculdades composicionais: “Quero muito mostrar não só para os outros, mas também para mim, que eu ainda não *expirei*... Não sei se lhe contei que decidi escrever uma sinfonia. Se, no começo, já estava bem difícil, agora a inspiração parece ter-me abandonado completamente”.

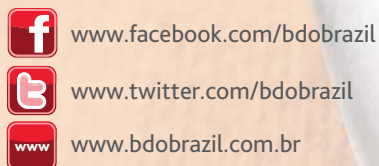
Pouco mais tarde, voltou a escrever a ela: “No momento, não sei dizer como essa sinfonia vai ser em comparação com as minhas anteriores, e particularmente em comparação com a *nossa* [ou seja, a *Sinfonia nº 4*, que fora oferecida a Meck]. O que antes era fácil e simples não continuou sendo assim”.

Dedicada a Theodor Avé-Lallemant (1806-1890), diretor da Sociedade Filarmônica de Hamburgo, a sinfonia foi estreada em novembro de 1888, em São Petersburgo, sob a batuta do compositor, com a primeira audição moscovita ocorrendo no mês seguinte, também regida por Tchaikóvski.

Mesmo depois da execução e publicação da obra, as dúvidas do autor a seu respeito continuaram, como ele expressou em cartas a Meck: “Estou convencido de que essa sinfonia não é um sucesso. Há algo de re-

SUA MELHOR ESCOLHA

- ▶ Uma das Big 5
- ▶ Líder no middle market
- ▶ Mais de 15 escritórios no Brasil
- ▶ Audit | Tax | Advisory



pulsivo em tamanho excesso, falta de sinceridade e artificialidade”, diz em uma missiva, para concluir, em outra: “Seja minha preocupação infundada ou não, infelizmente concluí que a sinfonia escrita em 1888 é inferior à escrita em 1877” — em nova alusão à *Sinfonia n° 4*.

O que ambas as obras têm em comum é a forma cíclica. Diferentemente, contudo, do que ocorre na Quarta Sinfonia, aqui o tema principal se faz ouvir em todos os movimentos. Trata-se de um trecho da ópera *Uma Vida pelo Tsar* (1836), do “pai” da música nacional russa, Mikhail Ivánovitch Glinka (1804-1857), cujas palavras dizem “não se entristeça”. A carga semântica dos versos de Glinka, bem como a apoteose triunfante deste tema no final do último movimento parecem indicar para a Quinta Sinfonia uma jornada emocional otimista, oposta ao pessimismo normalmente associado à Quarta Sinfonia de Tchaikóvski.

Depois da morte do compositor, foram encontrados os esboços do que poderia ser um programa da obra. O resultado, porém, é por demais fragmentário para permitir quaisquer conclusões decisivas:

Programa: 1. movimento da sinf[onia].
Intr[odução]. Submissão total perante o destino, ou, o que é a mesma coisa, os desígnios inescrutáveis da Providência.
Allegro. 1) Murmúrios, dúvidas, lamentos, reprovações contra ... XXX
II) Devo me lançar nos braços da fé???
Um programa maravilhoso, se pudesse ser realizado

Em ensaio sobre Tchaikóvski como autor sinfônico, o musicólogo Richard Taruskin lembra que a Quinta, em sua época, foi algo pejorativamente apelidada pelos adversários do compositor de “Sinfonia das Três

Valsas”. “Embora mal intencionada, essa observação é precisa e reveladora”, diz Taruskin. “Além do scherzo (nessa sinfonia oficialmente designado como “Valsa”), o primeiro e o segundo movimentos, ambos em compasso composto (6/8 e 12/8, respectivamente), podem ser plausivelmente descritos como valsas sinfônicas. Uma dose tão alta de danças de baile alinha a sinfonia com as suítes que Tchaikóvski vinha escrevendo desde a Quarta Sinfonia, e especialmente com os balés (*A Bela Adormecida* e *O Quebra Nozes*) que ele logo viria a escrever sob encomenda oficial dos Teatros Imperiais, nos quais o ‘estilo imperial’ atingiu seu apogeu”. Naquela época, para Taruskin, Tchaikóvski alcançara estatura tão elevada que podia ser considerado o “tsar não-coroadado da música russa”.

GUSTAV MAHLER (1860-1911)

Sinfonia n° 1 em Ré maior

Lento, arrastado (como um som da Natureza) — Bastante vagaroso no começo

Vigorosamente agitado, mas não rápido demais — Trio: Vagaroso na medida certa

Solene e moderado, sem se arrastar
Tempestuosamente agitado

Responsável, até o ano passado, pela redação das notas dos programas de concerto da Cultura Artística, o saudoso J. Jota de Moraes (1943-2012), em seu livro *Música da Modernidade*, afirma que “a música de Mahler aponta para o passado quando se prende às formas tradicionais de expressão — à canção e à sinfonia clássico-romântica — e à retórica monumentalista, a qual, em essência, é consequência da exacerbação do espírito romântico. Ela aponta para o futuro ao inaugurar um novo conceito de polifonia: a da polifonia feita não apenas de elementos heterogêneos como também, até

DO CAMPO À MESA, UMA PONTE QUE INTEGRA O MUNDO.

Não há nada mais fundamental que o alimento e a energia.

A Bunge é uma ponte, uma via eficiente, confiável e segura que leva os produtos agrícolas das fazendas ao mercado global, desde o dia em que são colhidos até o dia em que serão necessários, das regiões de abundância para regiões de escassez.

Na Bunge, nossa responsabilidade é ajudar a fazer com que os alimentos e a energia estejam mais disponíveis e acessíveis.

Conheça mais acessando: www.bunge.com.br



BUNGE

mesmo, como já lembrou Luís de Pablo, a da 'polifonia de estilos', onde o 'vulgar' e o 'sublime' costumam dar-se as mãos em insólitas alianças”.

Amigo do compositor e um de seus mais devotados intérpretes, o regente Bruno Walter (1876-1962) afirma que a primeira sinfonia é o *Werther* de Mahler, “porque uma experiência pessoal penetrante encontra nela seu desaforo artístico”. Composta entre 1887 e 1888, quando Mahler era regente da Ópera de Leipzig, a sinfonia nasceu como música de programa: mais especificamente, um portentoso poema sinfônico, fazendo referência ao monumental *Titã*, o *Bildungsroman* em quatro volumes (1800-03) e 900 páginas do escritor alemão Jean Paul (1763-1825), que narra a educação e a ascensão ao trono de seu protagonista, Albano de Cesara. A estreia, em Budapeste, em 1889, seria a primeira execução pública de uma obra orquestral do compositor, mas o público local, que apreciava sobretudo a ópera italiana, esteve longe de reagir de modo favorável. No relato de Mahler, logo após a apresentação, “meus amigos se afastaram de mim com terror. Nenhum deles comentou comigo a respeito da obra nem de sua execução, e fiquei errando [pela cidade] como um doente ou um condenado à morte”.

Dessa forma, entre a primeira audição, sob sua batuta, e a publicação da partitura, no final de 1898, o compositor fez uma série de alterações: extraiu da obra o título *Titã* e todas as referências ao romance, bem como o segundo movimento, um andante denominado *Blumine*.

A intertextualidade é um traço marcante da poética mahleriana e, aqui, ele se serve abundantemente de seu ciclo de canções *Lieder eines fahrenden Gesellen* (Canções

de um viajante). O primeiro movimento é claramente baseado em *Ging heut Morgen übers Feld* (Saí hoje de manhã pelo campo), enquanto outra canção do ciclo, *Die zwei blauen Augen von meinem Schatz* (Os dois olhos azuis da minha querida), aparece no visionário terceiro movimento, que o compositor começa transfigurando, ao modo de uma marcha fúnebre, a cantiga de ninar *Frère Jacques*, e que inclui ainda uma evocação da sonoridade das bandas *klezmer* judaicas.

Esse tipo de choque e de contraste abrupto – a “polifonia de estilos” a que se referia J. Jota — levou Adorno a afirmar que a primeira sinfonia de Mahler “não resolve, senão expõe, as tensões da música mahleriana”. O filósofo afirma que a obra “possui uma especial riqueza de caracteres anti-formalistas. Essa sinfonia lança contrastes sem nenhuma mediação, até o ponto em que a aflição e a burla são ambivalentes”.

O segundo movimento – um *ländler*, dança austríaca em 3/4 que pode ser considerada precursora da valsa vienense – é visto por Adorno como tradicional, “porque se orienta por Bruckner não apenas em seu tipo de temas, mas também nos planos harmônicos que se deslocam com rudeza e que, entretanto, são em si estáticos em cada caso; no trio há uma riqueza harmônica e uma finesse que não se deixam enganar pelo modelo estilístico da dança camponesa”.

Já no último movimento, incompreendido e atacado pelos críticos da época de Mahler, Adorno identifica um desespero, diante do qual “o estabonado triunfalismo final se torna certamente pálido, não mais do que mera encenação. O cerrado espelho sonoro se despedaça em uma ‘nova música’ que utiliza recursos tradicionais”.

PINHEIRO NETO

ADVOGADOS



Acidentes do Trabalho e
Doenças Ocupacionais
Administrativo e Contratos Públicos
Aeronáutico
Agronegócio
Águas e Saneamento
Ambiental
Arbitragem e Mediação
Bancário, Financeiro e Cambial
Comércio Internacional e
Direito Aduaneiro
Concorrência
Construção
Constitucional
Contencioso Civil e Comercial
Derivativos

Eleitoral
Energia
Entretenimento e Lazer
Esportes
Família e Sucessões
Fusões e Aquisições
Imigração
Imobiliário
Infraestrutura
Internet e Tecnologia da Informação
Life Sciences
Marítimo
Mercado de Capitais
Mineração
Mudança do Clima e Sustentabilidade

Operações Estruturadas
Penal e Processual Penal
Petróleo e Gás
Previdenciário
Private Equity
Project Finance
Propriedade Intelectual
Recuperação de Empresas e Falências
Relações de Consumo
Relações Institucionais e Governamentais
Seguros e Resseguros
Societário
Telecomunicações
Trabalhista
Tributário

São Paulo
R. Hungria, 1.100
01455-906
São Paulo . SP
t. +55 (11) 3247 8400
f. +55 (11) 3247 8600
Brasil

Rio de Janeiro
R. Humaitá, 275 . 16º andar
22261-005
Rio de Janeiro . RJ
t. +55 (21) 2506 1600
f. +55 (21) 2506 1660
Brasil

Brasília
SAFS . Quadra 2 . Bloco B
Ed. Via Office . 3º andar
70070-600 . Brasília . DF
t. +55 (61) 3312 9400
f. +55 (61) 3312 9444
Brasil

www.pinheironeto.com.br

pna@pn.com.br

SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

DIRETORIA

Presidente
Pedro Herz

Diretores
Cláudio Sonder
Antonio Hermann D. Menezes de Azevedo
Gioconda Bordon
Patricia Moraes
Fernando Carramaschi
Luiz Fernando Faria
Marcelo Levy
Ricardo Becker

Superintendente
Frederico Lohmann

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente
Cláudio Sonder
Vice-Presidente
Roberto Crissiuma Mesquita

Conselho
Milú Villela
Aluizio Rebello de Araújo
Antônio Ermírio de Moraes
Carlos José Rauscher
Fernando Xavier Ferreira
Francisco Mesquita Neto
Gérard Loeb
Henri Philippe Reichstul
Henrique Meirelles
Jayme Sverner
Marcelo Kayath
Pedro Herz
Plínio José Marafon

CONSELHO CONSULTIVO

Alfredo Rizkallah
Hermann Weber
João Lara Mesquita
José Zaragoza
Mário Arthur Adler
Salim Taufic Schahin
Thomas Michael Lanz

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO — OSESP

Regente Titular (2012-2016)
Marin Alsop

Regente Associado (2012-2016)
Celso Antunes

Regente Convidado de Honra (2012-2013)
Yan Pascal Tortelier

Diretor Artístico
Arthur Nestrovski

FUNDAÇÃO ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO
Organização Social de Cultura

Presidente do Conselho de Administração
Fernando Henrique Cardoso

Vice-Presidente do Conselho de Administração
Pedro Moreira Salles

Diretor Executivo
Marcelo Lopes

Superintendente
Fausto Augusto Marcucci Arruda

Marketing
Carlos Harasawa Diretor
Mauren Stieven

Departamento de Operações
Mônica Cássia Ferreira Gerente
Ângela Sardinha
Fabiane de Oliveira Araújo
Guilherme Vieira
Regiane Sampaio Bezerra
Vinicius Goy de Aro

Apoio a Eventos
Felipe Lapa

Departamento Técnico
Ronald Góes Gerente
Ednilson de Campos Pinto
Sérgio Cattini
Melissa Limnios

Acústica
Cassio Mendes Antas

Iluminação
Carlos Eduardo Soares da Silva

Sonorização
Fabio Tsuneo Sena Santos Miyahara

Montagem
João André Blásio

Controlador de Acesso
Sandro Marcello Sampaio de Miranda Encarregado

Indicadora
Sabrine Ferreira Encarregada

Cultura Artística

2013

23 e 24 de abril
ORQUESTRA SINFÔNICA DE MONTREAL

KENT NAGANO Regência

6 e 7 de maio
YO-YO MA Violoncelo
KATHRYN STOTT Piano

23 e 24 de maio
ORQUESTRA DE CÂMARA FRANZ LISZT
EMMANUEL PAHUD Flauta

2 e 5 de junho
QUARTETO BORODIN

24 e 25 de junho
ORQUESTRA REAL DO CONCERTGEBOUW
MARISS JANSONS Regência
DENIS MATSUEV Piano

29 e 31 de julho
PIOTR ANDERSZEWSKI Piano

31 de agosto e 1 de setembro
JOSHUA BELL Violino
ALESSIO BAX Piano

18 e 21 de setembro
GABRIELA MONTERO Piano

19 e 20 de outubro
ORQUESTRA SINFÔNICA FINLANDESA DE LAHTI
OKKO KAMU Regência

2 e 6 de novembro
COMBATTIMENTO CONSORT AMSTERDAM
QUIRINE VIERSSEN Violoncelo

Datas e programação sujeitas a alterações.

Assessoria de imprensa GABINETE DE COMUNICAÇÃO
Fotos da capa ANNE DOKTER (orquestra), MARCO BORGREVE (Jansons) e EVGENY EYUHKHOV (Matsuev)
Edição eletrônica LUDOVICO
Edição MARIA EMÍLIA BENDER
Projeto gráfico PAULO HUMBERTO L. DE ALMEIDA
Supervisão geral SILVIA PEDROSA



REALIZAÇÃO



BLOCO DE NOTAS

Gioconda Bordon

gioconda@culturaartistica.com.br



MÚSICA CÓSMICA

Em 2008, a revista britânica *Gramophone* convocou os mais renomados críticos de música da Europa para eleger as vinte melhores orquestras do mundo. A Orquestra Real do Concertgebouw Amsterdam foi a primeira colocada, seguida pelas filarmônicas de Berlim e de Viena. Hoje, essa orquestra estará diante de nós, e assim que ela começar a tocar certamente nos perguntaremos: o que faz deste conjunto o melhor dentre os melhores? Como reconhecer, ou como escutar, a celebrada excelência deste som?

Tom Service, crítico de música do jornal *The Guardian* e apresentador do programa *Music Matters*, da Rádio BBC3, se propôs a decifrar as particularidades de algumas orquestras em seu livro *Music as Alchemy: Journeys with Great Conductors and their Orchestras* (Faber & Faber, 2012). Ao longo de dois anos, ele acompanhou o trabalho de seis grandes regentes em ensaios e concertos, dedicando um dos capítulos a Mariss Jansons e à Concertgebouw. O autor analisa as diferentes interpretações das

mesmas peças; traça um perfil dos maestros à frente de seus respectivos grupos, e mostra como cada um deles, a seu modo, busca uma sonoridade não apenas exata e competente, mas algo que esteja além disso, que seja maior que isso.

Vários fatores— alguns fora do domínio das técnicas e regras musicais— entram em jogo, como a empatia entre instrumentistas e maestro; o entendimento do papel de cada um como artista e sua importância individual na formação da equipe; o reconhecimento de que todos estão juntos na mesma aventura, nos bons e nos maus momentos. Porém, há ainda um fator imponderável que transforma o som de uma orquestra em uma experiência intensa e quase indecifrável. Mariss Jansons explica que seu trabalho consiste em tentar expressar o que está escondido nas notas o tempo todo. É o que ele chama de estado cósmico. Às vezes acontece, dizem alguns instrumentistas. Pode acontecer hoje, aqui nesta sala.

Bom concerto a todos!

Apoiar a cultura também faz parte da tradição do Safra.



O Banco Safra tem contribuído para o resgate, preservação e divulgação da cultura no país. Ao longo dos anos, vem apoiando projetos e manifestações artísticas, valorizando a riqueza e a diversidade cultural do povo brasileiro.



Central de Atendimento Safra: 0300 105 1234 - Atendimento personalizado de 2ª a 6ª feira das 9h00 às 19h00, exceto feriados. Atendimento aos Portadores de Necessidades Especiais Auditiva e Fala / SAC - Serviço de Atendimento ao Consumidor: 0800 772 5755 - Atendimento 24 horas por dia, 7 dias por semana. OUVIDORIA (caso já tenha recorrido ao SAC e não esteja satisfeito/a): 0800 770 1236 - Atendimento personalizado, de 2ª a 6ª feira, das 9h00 às 18h00, exceto feriados.

Banco Safra
Tradição Secular de Segurança



INSPIRADOS PELA MÚSICA CLÁSSICA.

O Credit Suisse mantém parcerias de longo prazo com as mais reconhecidas instituições culturais do Brasil.

Temos orgulho em apoiar a Sociedade de Cultura Artística.

credit-suisse.com